

Sebastianismo / Sebastianismos? (em torno do mito sebástico)

Isabel Vaz Ponce de Leão

Professora Titular | UFP

ivaz@ufp.pt

Resumo

O sebastianismo é uma religião estritamente portuguesa, sustentando a *Mensagem* de Pessoa a fundamentação deste juízo. Todavia, nomes como o de Garrett, Antero de Quental, Guerra Junqueiro, Teixeira de Pascoaes, Oliveira Martins ou António Nobre constituem um importante acervo para o estudo deste mito. A embriaguez sebástica, mais ou menos camuflada, vestigia-se ainda em obras desta viragem do milénio. Não esquecendo o indiscutível binómio literatura-sociedade, e entrando numa perspectiva sociológica, atente-se ainda nos comportamentos e atitudes da sociedade contemporânea reflectidos em múltiplos procedimentos de carácter revivalista.

Abstract

Sebastianism is a strictly Portuguese religion, an assertion which the Message of Fernando Pessoa grounds. However, names as those of Garrett, Antero de Quental, Guerra Junqueiro, Teixeira de Pascoaes, Oliveira Martins or António Nobre also constitute an important repository for the study of this myth. Though more or less hidden, there are still vestiges of the sebasti inebriety, at the turn of the millennium. Also, bearing in mind the relation between literature and society, and from a sociological perspective, revivalism can be traced in multiple attitudes and behaviours of the contemporary society.

Elemento imprescindível à pragmática da comunicação literária e, concomitantemente, objecto da mitografia, o mito poderá ter a sua origem na linguagem se se obedecer, e lembre-se o inglês Max Muller¹, ao método de interpretação filológico. Assim, observar-se-á a sua génese não no pensamento humano, mas no seu modo de expressão pela linguagem. Lembre-se ainda Barthes quando defende que tudo quanto é passível de um discurso pode ser um mito. Por tal, assevera:

Qualquer objecto do mundo pode passar de uma existência fechada, muda, a um estado oral, aberto à apropriação da sociedade, dado que nenhuma lei, natural ou não, proíbe de falar das coisas. (1987: 209)

Faça-se depender tudo isto de pressupostos sociológicos, psicológicos, históricos, étnicos ou culturais e ter-se-á o mito com múltiplas cambiantes semióticas.

Os mitos nacionais são realidades que cabem quer ao filólogo, quer ao sociólogo, quer ao historiador posto que a identidade cultural de uma nação seja algo de dinâmico e mutável ainda que, na sua essência, mítica. A actividade espiritual assenta em pressupostos históricos, mas a ela pertencem também factores de renovação.

O sebastianismo, decorrente da derrocada de Alcácer-Quibir, mais que uma crença é uma forma de resistência, assumindo-se como uma religião lusitana, direi mesmo, uma configuração depurada do patriotismo. Forma de regresso à Idade do Ouro, salvação individual e colectiva, é também forma de querer e crer que, tal como Cristo ressuscitou para resgatar o seu povo, haverá uma voz messiânica redentora da identidade, da ordem e da justiça. Ora o sebastianismo sendo nacional é popular e misterioso também, tendo assim todos os símplices para se converter na supra-citada religião lusitana capaz de combater a angústia do mundo moderno.

A embriaguez sebástica configura, antes de mais, a predisposição de um povo para crenças populares, ou não seja o sapateiro Bandarra o seu arauto primeiro. Parece-me mesmo ter surgido ainda antes do desaparecimento de D. Sebastião naquela fatídica batalha. Na verdade, quando Camões, em *Os Lusíadas*, o apoda de “maravilha fatal da nossa idade”, deixa transparecer uma aura profética de fatalidade cujo res-

1. Filólogo e mitólogo do final do século XIX autor de vários trabalhos de mitologia comparada e de linguística onde atribui a origem dos mitos a uma doença da linguagem.

gate urge; deixa, afinal, ressumbrar a esperança messiânica inerente ao povo português, pois que outra esperança poderá carrear um rei inexperiente e jovem, por demais jovem, como ficou provado pelos seus actos, cujo denodo foi, tão só, serem genesíacos do mito?

Mas se este sebastianismo é, quanto a mim, e acima de tudo, um estado de espírito, é óbvio que ganha outras dimensões depois do objectivado e, objectivamente, D. Sebastião propiciou a criação do mito ao não morrer, mas antes **desaparecer**, em Alcácer-Quibir. Ora quando Garrett, no poema “Camões”, evoca o ultrapassado sonho de D. Manuel, avoca, concomitantemente, aquele **poder ser** genuinamente sebástico; ou quando o Romeiro, naquela densa, ainda que contida, cena de *Frei Luís de Sousa*, afirma ser “Ninguém”, está longe de representar a voz do marido traído e abandonado para, outrossim, expressar a de um país desgovernado que, mesmo assim, aguarda uma visitação messiânica.

A luta da Geração de 70 configura, de igual modo, uma demanda do ideal, que não está longe do mito sebástico na sua lata dimensão. Quando Antero, nas Conferências do Casino, fala das “Causas de decadência dos povos peninsulares”, apela, natural e implicitamente, a uma solução embargadora dessa decadência, aliás corroborada, ainda e de novo, de forma implícita, no seu panteísmo latente, através do qual instiga a reconstrução gnoseológica do transcendental, metaforizada num Portugal novo em termos teleológicos.

Daqui decorrem, naturalmente, posturas como a de António Nobre que, interiorizando o mito, através dele se evade, fazendo do colectivo um projecto meramente individual; a de Guerra Junqueiro, cujo bucolismo derrotista recria a criança que virá redimir a *Pátria* dos resquícios monárquicos, recriando assim o Espírito Santo cristão ou o Messias judaico; ou a de Teixeira de Pascoaes, que, pelo e com o saudosismo, cria um Camões colectivo símil à raça portuguesa.

Quero crer, todavia, que o grande intérprete do mito sebástico foi, sem dúvida, Fernando Pessoa², porque foi também ele que melhor gloriou a verdadeira identidade portuguesa revitalizando o sebastianismo,

2. O ênfase que aqui dou a Pessoa, deve-se ao facto de ter sido o único, a quem a distância consentiu a lucidez, de conferir ao mito sebástico aquela característica atemporal inerente aos mitos, para, desgarrando-o da História, o metaforizar no construtor do Império do Futuro – o *Quinto Império*. Perseguindo o objectivo desta toada enfática, imprescindíveis se tornam algumas considerações sobre *Mensagem*, obra que, proventura, melhor enforma o sebastianismo.

porventura adormecido nos braços de António Vieira. Segundo Eduardo Lourenço:

Pessoa foi, até hoje, o único dos nossos grandes poetas que pôde situar-se, ao mesmo tempo, por assim dizer, no *exterior* e no *interior* da consciência cultural portuguesa. (...) A *Mensagem* (...) é um *Anti-Lusíadas*, epopeia elegíaca de *autodissolução da nossa particularidade histórica empírica* como caminho, ascensão e transença de todas as particularidades, suicídio sublime da *personalidade* na era de uma *impersonalidade* realmente universal e fraterna. (1988: 104 e 106)

E falar de Pessoa é falar de uma identificação Poeta / Poesia como estranha força dialéctica dinamizadora, bem explícita num dos milhares de inéditos guardados na sua, já hoje famosa, arca:

Navegar é preciso, viver não é preciso. Quero para mim o espírito desta frase, transformada a forma para a casar com o que sou: Viver não é necessário; o que é necessário é criar. (Pessoa 1981: 1)

Criar foi, de facto, a sua missão no sentido da descoberta que foi a sua vida tornada, não raro, na missão eterna do Portugal a descobrir. “Emissário de um rei desconhecido, cumpriu informes instruções de além” (Pessoa 1981: 62) e, esperando e preparando a *Hora* sebástica, proclamaria convictamente:

A nossa grande raça partirá em busca de uma Índia nova que não existe no espaço, em naus que são construídas daquilo que os sonhos são feitos. E o seu verdadeiro e supremo destino, de que a obra dos navegadores foi o obscuro e carnal ante-arremedo, realizar-se-á divinamente. (Pessoa 1981: 85)

É este “sentimento de febre de ser para além doutro oceano” (Pessoa 1981: 359), paradigma da embriaguez sebástica, que enforma as páginas de *Mensagem*, onde Pessoa dá voz simbólica ao conteúdo anímico da sua pátria, bem como à sua aventura espiritual. O seu ser anda associado ao ser da pátria, num projecto incessante de demanda, realizável num tempo e num espaço transcendentais, de destinos identificáveis.

Procura e encontra Pessoa a sua identidade na união com a pátria que lhe é propiciada por uma ligação anímica vivida, sofrida, profunda, que ele denomina como o seu “intenso sofrimento patriótico” (Pessoa 1986: 164), gerado, este, nos liames de uma supraconsciência colectiva.

Em *Mensagem*, o poeta sente em si o apelo da captação da voz recôndita de uma realidade que urge verbalizar – a realidade pátria. Dela, tem um conhecimento não teórico, mas sim aquele que propicia o caminho para a clarividência do seu próprio vidente, dando voz à sua mitologia através de um único dom inato, que é a abertura de espírito em face dos mitos. Destarte, assume o mais alto mistério do homem que é o de “ser um criador de mitos” (Pessoa 1986: 160). Não se trata de um acto de passagem do inconsciente ao consciente, posto que tudo seja supra-humano, menos ainda de um acto redutor de mistério. Outrossim, intuindo da veracidade dos mitos, transmite-os sem os interpretar, conferindo-lhes a voz explicativa que se perpetua nos tempos, crente que eles revelam as estruturas do real e as multimodas formas de estar no mundo.

Transcreve-se da *Mensagem* a história de uma nação transfigurada em história mítica, que acede a um outro plano da realidade. Perspectiva-se a eternidade pátria numa peculiar história de Portugal, criada num jeito mítico-poético para além do tempo e do espaço levando a cabo um projecto cosmogónico.

Assim o desastre de Alcácer-Quibir não é uma realidade de um tempo profano, mas marca do fim do mundo por um cataclismo mítico, este, sim, purificador, porque confiante na esperança de uma recriação de um outro mundo renovado. Por isso, no poema “D. Sebastião” (Pessoa 1981: 18), é o próprio rei que, num discurso de primeira pessoa, tenta controlar a ansiedade dos portugueses, transmitindo-lhes a necessária esperança do retorno de que, como ele, possui desígnios ultra-terrenos.

Sperae! Caí no areal e na hora adversa
Que Deus concede aos seus
Para o intervalo em que esteja a alma imersa
Em sonhos que são Deus.

Que importa o areal e a morte e a desventura
Se com Deus me guardei?
É O que eu me sonhei que eterno dura,
É Esse que regressarei.

D. Sebastião é mito tido “com raízes profundas no passado”, cuja renovação urge para se dar “na alma da Nação o fenómeno imprevisível de onde nascerão as Novas descobertas, a criação do Mundo Novo, o

Quinto Império” (Pessoa 1986: 165). E a sua vinda apocalíptica, esperança de regeneração, carreando tradições céltico-bretãs e arturianas, judeo-messiânicas, cristãs-cavaleirescas e templárias far-se-á também numa outra realidade sacralizada, n’ “A Última Nau” (Pessoa 1981: 16), que tendo partido do Império para o Mistério, se crê, “a névoa finda”, regressará por virtude da fé da “alma atlântica”, do Mistério para o Império.

O sebastianismo é, indubitavelmente, manifestação da personalidade colectiva. Através dele, preconiza Pessoa o amanhecer de uma nova e auspiciosa era. O seu misticismo patriótico ultrapassa a utopia do *Quinto Império*, para se reconverter no sentimento de uma missão nacional. Destarte, no âmago da *Mensagem*, está contida a visão abissal do que está para além da realidade empírica e profana do mundo, cujos limites são humanamente, não ignorados, mas inconscientes. É o mais profundo e secreto de um povo, que espera a voz profética para a sua desocultação e formulação, rumando a uma libertação.

Fernando Pessoa ergueu o seu próprio povo a um mito significativo porque, depois de certas missões cumpridas, surge a voz profética daqueles que anunciam a chegada do regenerador da pátria moribunda. Assim se escuta a “voz que vem do som das ondas / que não é a voz do mar” (Pessoa 1981: 19), procura-se o “Galaaz com pátria”, “Mestre da Paz” para que revele “O Santo Graal”, almeja-se progressivamente a aurora, o dia e o sol, ocultos, por enquanto, na “Rosa do Encoberto” (Pessoa 1981: 19).

O *Encoberto*, última parte de *Mensagem*, aposta na regeneração nacional pelo espírito, pelo mito e pelos *Símbolos*. Aí estão também os *Avisos* num processo profético de apelo à paz – “Pax in excelsis”. É o fim das energias latentes ou morte, esta que conterà em si como germen a próxima ressurreição, o novo ciclo sebástico que se anuncia – o *Quinto Império*. Assim a “Noite” (Pessoa 1981: 21), propiciadora de uma viagem apenas de ida, por um “mar ignoto”, e a “Tormenta” (Pessoa 1981: 22) desse “Portugal, o poder ser”, metáforas de uma desintegração; depois os avisos, os pressentimentos de forças latentes prestes a virem à luz, que a “Ilha próxima e remota” “Que guarda o Rei desterrado” de “Calma” (Pessoa 1981: 22) e o apelo do mostrengo, no sentido de “Chamar Aquele que está dormindo”, de “Antemanhã” (Pessoa 1981: 23), preconizam.

Estes são, de facto, *Os Tempos* em que perpassará, em incessante fulgor, qual evocação religiosa num coro pátrio, ainda que com modulações diversas, a nota hilariante da esperança: “D. Sebastião”, “O Desejado”, “O Encoberto”...

É a capacidade de penetração na alma pátria, na sua mitologia, na sua universalidade, que confere ao poeta uma peculiar força anímica, desvendadora da essência do absoluto, que faz com que, partindo do mítico caos, se rume ao novo mundo encontrando a *Hora*, não como processo alegórico da história de Portugal, mas sim numa outra forma desta nação se expressar, numa forma de “navio-nação”, parafraseando Eduardo Lourenço, prestes a desvendar o “Nevoeiro” (Pessoa 1981: 23), que acantoa D. Sebastião:

Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,
Define com perfil e ser
Este fulgor baço da terra
Que é Portugal a entristecer –
Brilho sem luz e sem arder,
Como o que o fogo-fátuo encerra.

Ninguém sabe que coisa quer.
Ninguém conhece que alma tem,
Nem o que é mal nem o que é bem.
(Que ânsia distante perto chora?)
Tudo é incerto e derradeiro.
Tudo é disperso, nada é inteiro.
Ó Portugal, hoje és nevoeiro...

É a hora

Hora da ressurreição do ideal de fraternidade, procura do paraíso, da imortalidade que se realizará numa supra-realidade, num mar que aparece como país misterioso, onde se percorre o caminho que levará a esse centro ansiado; o caminho que é o iniciático, que ruma a uma identidade atingida, cumprindo assim Pessoa esse amor pátrio a que um dia se referiu como “o fervor, a intensidade – terna, revoltada e ardente” (Pessoa 1986: 93), devolvendo a Portugal a grandeza perdida através do regresso a D. Sebastião, “regresso simbólico mas em que não é absurdo confiar” (Pessoa 1986: 159).

Não é, de facto, absurdo confiar neste regresso simbólico. Se Pessoa revitalizou o mito, um olhar pela pós-modernidade diz da sua presença nesta viragem do milénio. Que pretende Bernardo Santareno com a sua obra dramática *O Judeu*? O problema da Inquisição há muito foi resolvido, mas a estabilidade é real? Que diz Luís de Sttau Monteiro na obra, do mesmo género literário, *Felizmente há Luar?* O absolutismo já não afronta liberais, mas a igualdade social alcançou-se? O que se espera, o que se procura com esta crítica a um passado que metaforiza um presente? Não há respostas dogmáticas mas há, com certeza, esperança. Porque escreveu Torga *Portugal*, ou mesmo *Poemas Ibéricos*? Que Portugal, que iberismo, que ideal recôndito? Procura-se obsessivamente uma identidade. Quem a poderá trazer? Será tudo uma questão de nomenclatura? O que move Alberto Soares em *Aparição* de Vergílio Ferreira? Será, tão só, o explicar a vida face à inverosimilhança da morte? Tão só preocupações de cariz existencial? Porque não se suicida a fidelíssima Blimunda de *Memorial do Convento* de Saramago quando vê o homem, que procurou ao longo de vinte e oito anos, arder na fogueira? Porque termina deste modo o narrador do *Memorial* a sua narrativa: “Então Blimunda disse, Vem. Desprendeu-se a vontade de Baltasar Sete-Sóis, mas não subiu para as estrelas, se à terra pertencia e a Blimunda.” (Saramago 1982: 359)? Para onde navega e o que demanda o mesmo Saramago em *Jangada de Pedra*?

Ou, noutros registos, porque é o discurso publicitário o maior criador de mitos através das suas delirantes metáforas que, em termos pragmáticos, comutam o objecto de desejo em realidade empírica? Como se encontram o semiótico e o imaginário? Como traduzir o enigma e o fetiche? Para onde nos querem levar? Sabe-se que nos conduzem a um eu ideal; mas sabe-se também da utopia de qualquer ideal. Que força nos move a segui-lo, inconscientemente, embora? Como explicar o cíclico revitalismo das modas ou o discurso pós-moderno mas tão mitificado dos média? O quê? Como? Porquê...?

Esperança, beleza, sobretudo perfeição, inabarcável pelos terráqueos, por isso nasce o mito que não tem tempo nem espaço que é “vida que não passa na vida que passa – e toda passa –, lenda a escorrer da realidade” (Lourenço 1986: 9), matriz e estratagema de inteligibilidade que só um futuro atemporal ousará descobrir.

Mito, se português, sebastianista, porque prova póstuma de identidade encontrada, não no mundo, mas na alma e na tradição enquanto forma de uma qualquer crença ou religião que não tem de pactuar com feitiços ou bruxarias. Saudade e fé, sobretudo fé num devir, porque

Não esperamos apenas por D. Sebastião. D. Sebastião também espera por nós. No drama saudoso, somos os encobertos do Encoberto pela relação do ser e da verdade. Nela, o mito sebástico se completa e fundamenta. (Pascoaes 1987: 102)

Isabel Vaz Ponce de Leão

Referências bibliográficas

Barthes, Roland. (1987). *Mitologias*. Lisboa, Círculo de Leitores.

Eliade, Mircea. (1990). *Mitos, Sonhos e Mistérios*. Lisboa, Círculo de Leitores.

Lourenço, Eduardo. (1986). *Fernando Rei da nossa Baviera*. Lisboa: IN-CM.

Lourenço, Eduardo. (1988). *O Labirinto da Saudade*. Lisboa, Círculo dos Leitores.

Pessoa, Fernando. (1986). *Obra em Prosa*. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar.

Pessoa, Fernando. (1981). *Obra Poética*. Rio de Janeiro, Editora Nova Aguilar.

Pascoaes, Teixeira de. (1987). *Os poetas lusíadas*. Lisboa, Assírio & Alvim.

Ponce de Leão, Isabel Vaz. (2000). "Mensagem: um outro mar a descobrir", in: *La Lusophonie Voies / Voix Oceaniques*. Lisboa, LIDEL.

Saramago, José. (1982). *Memorial do Convento*, Lisboa, Caminho.